

## PRÓLOGO

Se eu soubesse alguma coisa de Sigmund Freud e de psicanálise, saberia explicar todos os meus problemas através da minha infância miserável na Irlanda. Essa infância tirou-me a auto-estima, desencadeou espasmos de auto-piedade, paralisou as minhas emoções, tornou-me irritável, invejoso e desrespeitador da autoridade, atrasou o meu desenvolvimento, limitou as minhas relações com o sexo oposto, impediu-me de enfrentar o mundo e tornou-me quase inadaptável à sociedade humana. É um verdadeiro milagre ter conseguido chegar a professor e mantido essa profissão, e tenho de me dar uma nota muito alta por sobreviver a todos aqueles anos nas salas de aula de Nova Iorque. Devia haver uma medalha para pessoas que resistem a uma infância miserável e se tornam professores, e eu devia ser o primeiro da fila para receber não só a medalha como todas as condecorações inerentes às desgraças subsequentes.

Poderia apontar alguns culpados. Uma infância miserável não é coisa que aconteça por acaso. Há certas condições que a explicam. Forças ocultas. Se apontar culpados, faço-o com um espírito de perdão. Por isso, perdoo às seguintes pessoas: ao Papa Pio XII; aos Ingleses em geral e ao Rei Jorge VI em particular; ao Cardeal MacRory, que governou a Irlanda quando eu era criança; ao bispo de Limerick,

que parecia pensar que tudo era pecado; a Eamonn De Valera ex-primeiro-ministro (Taoiseach) e presidente da Irlanda. De Valera era um meio espanhol fanático do gaélico (uma espécie de cebola espanhola num guisado irlandês) que ordenava aos professores de toda a Irlanda que enfiassem a língua nativa na cabeça dos alunos nem que fosse à força e que lhes arrancassem qualquer vestígio de curiosidade natural também à força, se preciso fosse. Causou a todos nós muitas horas de infelicidade. Era superior e indiferente às marcas pretas e azuis que os ponteiros dos professores deixavam em várias partes dos nossos jovens corpos. Também perdoou ao padre que me expulsou do confessionário quando eu confessei os pecados de masturbação e pequenos roubos da bolsa da minha mãe, dizendo que eu não estava a demonstrar estar verdadeiramente arrependido, sobretudo nos pecados da carne. E, apesar de ter acertado em cheio, a recusa dele em conceder-me a absolvição representou um perigo tão grande para a minha alma que, se eu tivesse sido passado a ferro por um camião à saída da igreja, ele teria sido responsável pela minha condenação eterna. Perdoou a vários professores severos por me arrancarem da carteira pelas patilhas, por me baterem frequentemente com o ponteiro, com o cinto e com a bengala quando eu tropeçava nas respostas sobre o catecismo ou quando não conseguia dividir mentalmente 937 por 739. Os meus pais e outros adultos diziam-me que era tudo para meu bem. Perdoou-lhes por essas hipocrisias colossais e pergunto a mim próprio onde estarão neste momento. No Céu? No Inferno? No Purgatório (se é que ainda existe)?

Até consigo perdoar a mim próprio, apesar de nunca conseguir deixar de soltar um gemido quando penso em certas fases da minha vida. Que burro! Tanta timidez! Tanta estupidez! Tantas indecisões e atrapalhões!

Mas depois vejo também as coisas sob outro ponto de vista. Passei a infância e a adolescência a examinar a minha consciência e a concluir que estava num estado permanente de pecado. Era isso que me ensinavam, era essa a lavagem que faziam ao meu cérebro, era isso que as condições propiciavam, sendo por isso impossível ter qualquer espécie de presunção, para mais pertencendo à classe dos pecadores.

Agora acho que chegou a altura de reconhecer em mim próprio pelo menos uma virtude: a persistência. Não é tão chique como a ambição, o talento, o intelecto ou o encanto, mas foi algo que me acompanhou ao longo de tantos dias e noites.

F. Scott Fitzgerald disse que na vida dos Americanos não há segundo acto. Ele não viveu tempo suficiente. No meu caso, enganou-se redondamente.

Durante os meus trinta anos de professor de liceu em Nova Iorque, ninguém me prestou a mínima atenção a não ser os meus alunos. No mundo fora da escola, eu era invisível. Depois escrevi um livro sobre a minha infância e tornei-me o irlandês do momento. Esperava que o livro explicasse a história da família aos filhos e netos McCourt. Esperava vender umas centenas de exemplares e ser convidado para discussões em clubes literários. Em vez disso, saltei para a lista dos *best sellers*, fui traduzido em trinta línguas e fiquei estupefacto. O livro foi o meu segundo acto.

Cheguei tarde ao mundo dos livros. Tive aquela sensação de ser o miúdo novo do bairro. O meu primeiro livro, *As Cinzas de Angela*, foi publicado em 1996, quando eu tinha sessenta e seis anos, e o segundo, *Esta É a Minha Terra*, em 1999, quando tinha sessenta e nove anos. Com essa idade, é quase de admirar eu conseguir pegar na caneta. Alguns dos meus novos amigos (amizades recentes que ficaram a dever-se à minha ascensão à lista dos *best sellers*) tinham publicado livros aos vinte anos. Crianças...

Então, porque é que demorei tanto tempo?

Era professor — foi por isso que demorei tanto. Não na universidade, onde se tem todo o tempo do mundo para escrever e para outras distrações, mas em quatro liceus da cidade de Nova Iorque. (Tenho lido romances sobre a vida de alguns professores universitários, que parecem tão ocupados com adultérios e brigas académicas que fico sem perceber como arranjam tempo para dar algumas aulas.) Quem dá cinco aulas por dia, cinco dias por semana, não se sente inclinado a ir para casa esvaziar a cabeça e criar um pouco de prosa imortal. Ao fim de cinco aulas, a vozeria da sala de aula não nos sai da cabeça.

Nunca esperei que *As Cinzas de Angela* atraíssem qualquer atenção, mas, quando o livro chegou aos *tops*, passei a ser venerado pelos *media*. Fui fotografado centenas de vezes. Era uma novidade geriátrica com sotaque irlandês. Fui entrevistado para dezenas de publicações. Conheci governantes, presidentes de Câmara, actores. Conheci o Presidente Bush pai e o seu filho, na altura governador do Texas. Conheci o Presidente Clinton e Hillary Rodham Clinton. Conheci Gregory Peck. Conheci o Papa e beijei-lhe o anel. Fui entrevistado por Sarah, a Duquesa de York. Disse que eu era o seu primeiro prémio Pullitzer. Eu disse-lhe que era a minha primeira duquesa. Ela exclamou, Ooh! e perguntou ao operador de câmara, Apanhaste isto? Apanhaste isto? Fui nomeado para um Grammy pela leitura do meu livro e estive quase a conhecer o Elton John. As pessoas passaram a olhar para mim de uma maneira diferente. Diziam, Ah, foi o senhor que escreveu aquele livro, Por aqui, por favor, Mr. McCourt, ou Há alguma coisa em que possa ser-lhe útil? Uma mulher num café pestanejou e disse, Eu vi-o na televisão. Deve ser importante. Quem é o senhor? Dá-me um autógrafo? Ouviam-me. Perguntavam-me a minha opinião sobre a Irlanda, sobre conjuntivite, sobre a bebida, os dentes, o ensino, a religião, a angústia existencial dos adolescentes, William Butler Yeats, a literatura em geral. Que livros vai ler neste Verão? Que livros leu este ano? O Catolicismo, a escrita, a fome. Falei para assembleias de dentistas, advogados, oftalmologistas e, claro, professores. Corri mundo na minha qualidade de irlandês, na minha qualidade de professor, na minha qualidade de conhecedor de todo o tipo de sofrimento, como um raio de esperança para os idosos de toda a parte, sempre desejosos de me contarem as suas histórias.

Fizeram um filme baseado em *As Cinzas de Angela*. Escreva-se o que se escrever na América, a grande questão é sempre O Filme. Se tivesse escrito a lista telefónica de Manhattan, haviam de perguntar, Então e para quando o filme?

Se não tivesse escrito *As Cinzas de Angela*, teria morrido a implorar, Só mais um ano, meu Deus, só mais um ano, porque este livro é o que mais quero fazer na vida, no que resta da minha vida. Nunca imaginei que viesse a ser um *best seller*. Imaginei que iria ficar

nas prateleiras das livrarias, mas vi mulheres bonitas a folhearem-no e a verterem uma lágrima. Claro que acabavam por comprar o livro, levavam-no para casa, recostavam-se no divã e liam a minha história, enquanto bebiam chá de ervas ou um copo de bom xerez. E depois vinham encomendá-lo para todas as suas amigas.

No livro *Esta É a Minha Terra* escrevi sobre a minha vida na América e como me tornei professor. Depois de o livro ser publicado, fiquei com a sensação incómoda de que tinha prestado pouca atenção ao trabalho dos professores. Na América, os médicos, os advogados, os generais, os actores, as pessoas da televisão e os políticos são admirados e recompensados. Mas os professores não. Os professores são as sopeiras das profissões. São as pessoas a quem mandam usar a porta de serviço ou entrar pelas traseiras. São felicitados por terem tanto tempo livre. São referidos com condescendência e veneração, mas só em retrospectiva, lembrando os seus caracóis prateados. Ah, sim, eu tive uma professora de Inglês, Miss Smith, que foi uma verdadeira inspiração para mim. Nunca hei-de esquecer a querida Miss Smith. Costumava dizer que, se tivesse conseguido chegar a uma criança nos seus quarenta anos como professora, teria valido a pena. Morreria feliz. Mas a inspiradora professora de Inglês desaparece por entre as sombras e acaba os seus dias com uma reforma de miséria, a sonhar com a criança à qual teria chegado. Continua a sonhar, professora. Não vais ser glorificada.

Pensamos que vamos entrar na sala de aula, ficamos um momento à espera que se faça silêncio, vemos os alunos abrir os cadernos e pegar nas canetas, dizemos-lhes o nosso nome, escrevemo-lo no quadro, começamos a ensinar.

Sobre a secretária temos o plano de estudos de Inglês fornecido pela escola. Vamos ensinar ortografia, vocabulário, interpretação do texto, composição, literatura.

Estamos ansiosos por chegar à literatura. Iremos ter discussões animadas sobre poemas, peças de teatro, ensaios, romances, contos. As mãos de cento e setenta alunos agitar-se-ão no ar enquanto eles chamam, Professor McCourt, eu, eu, quero dizer uma coisa.

Esperamos que eles queiram dizer qualquer coisa. Não queremos que eles se sentem de boca aberta, enquanto nós nos esforçamos por manter a aula viva.

Faremos um festim com os cadáveres da literatura inglesa e americana. Como será maravilhoso o tempo que passarmos com Carlyle e Arnold, com Emerson e Thoreau. Mal podemos esperar até chegar a Shelley, Keats, Byron e ao bom e velho Walt Whitman. As nossas aulas exultarão com tanto romantismo, tanta rebeldia, tanta provocação. Adoraremos as nossas aulas porque, lá no fundo e nos nossos sonhos, somos uns românticos inveterados. Chegaremos a ver-nos a nós próprios nas barricadas.

Ao passarem nos corredores, os reitores e outras figuras de autoridade ouvirão os sons excitados que saem da nossa sala. Espreitarão admirados pelo vidro da porta e verão todas aquelas mãos no ar, a avidez e o entusiasmo no rosto de todos aqueles rapazes e raparigas, de todos aqueles canalizadores, electricistas, cabeleireiras, carpinteiros, mecânicos, dactilógrafas e maquinistas.

Seremos nomeados para prémios: Professor do Ano, Professor do Século. Somos convidados para Washington. Eisenhower dá-nos um aperto de mão. Os jornais pedem-nos, a nós, meros professores, a nossa opinião sobre o ensino. Uau. Vamos aparecer na televisão.

A televisão.

Imagine-se: Um professor na televisão.

Levam-nos a Hollywood para aparecermos em filmes sobre a nossa própria vida. Uma origem humilde, uma infância miserável, problemas com a igreja (que desafiámos corajosamente), imagens de nós, sozinhos, num canto, a ler à luz da vela: Chaucer, Shakespeare, Austen, Dickens. Nós num canto a pestanejarmos, com os olhos doentes, a ler intrepidamente até que a nossa mãe leva a vela e diz que, se não pararmos de ler, os olhos vão acabar por nos cair da cabeça. Imploramos que nos devolva a vela, só faltam cem páginas de *Dombey and Son*, mas ela diz, Não, não quero que andes por Limerick com as pessoas a perguntarem-te como é que ficaste cego, se ainda há um ano andavas a jogar à bola com os melhores.

Dizemos que sim à nossa mãe porque conhecemos a canção

O amor de mãe é uma bênção  
Onde quer que estejamos  
Cuidemos dela enquanto a temos  
Porque lhe sentiremos a falta quando partir.

Além disso, é impossível responder a uma mãe representada no cinema por uma daquelas antigas actrizes irlandesas, Sarah Allgod ou Una O'Connor, com as suas línguas afiadas e os seus rostos sofridos. A nossa mãe também tinha aquela poderosa expressão de sofrimento, mas não há nada como vê-la no grande ecrã a preto e branco ou a cores.

O papel do nosso pai podia ser representado por Clark Gable só que a) ele podia não conseguir imitar o sotaque do Norte da Irlanda do nosso pai e b) seria uma terrível despromoção depois de *E Tudo o Vento Levou* que, como bem se lembram, foi proibido na Irlanda porque, segundo se diz, Rhett Butler levava a mulher, Scarlett, ao colo pela escada acima até à cama, e isso incomodou os censores de cinema de Dublin e levou-os a proibir terminantemente o filme. Não, era preciso outro actor para fazer de nosso pai, porque os censores irlandeses estarão a ver atentamente e seria uma grande desilusão para as pessoas de Limerick, a nossa cidade, e para o resto da Irlanda, não terem a oportunidade de verem a história da nossa infância miserável e do nosso triunfo subsequente como professor e estrela de cinema.

Mas não será esse o fim da história. A verdadeira história contará como acabámos por resistir ao chamamento de Hollywood e como, depois de noites e noites de jantares bem regados, de festas, de sermos atraídos para a cama de belas estrelas de cinema, já reconhecidas e ainda aspirantes ao estrelato, descobrimos o vazio das suas vidas, descobrimos que elas despejaram sobre nós, recostados sobre inúmeras almofadas de cetim, os seus corações, descobrimos em nós um sentimento de culpa ao ouvi-las expressar a sua admiração por nós, descobrimos que, graças à nossa dedicação aos nossos alunos nos tornámos um ídolo e um ícone em Hollywood.

Descobrimos que essas estrelas deslumbrantes, já reconhecidas e ainda aspirantes ao estrelato, estavam arrependidas por se terem deixado desencaminhar, por terem abraçado o vazio das suas vidas de Hollywood quando, se tivessem prescindido de tudo isso, poderiam ter rejubilado diariamente pela integridade da tarefa de ensinar os futuros operários, homens de negócios e empregados de escritório da América. Como deve ser bom, dirão elas, acordar de manhã, saltar alegremente da cama, com a certeza de que, antes do fim do dia, teremos cumprido os desígnios de Deus com a juventude da América, dando-nos por satisfeitos com a nossa magra remuneração, pois a verdadeira recompensa será o brilho de gratidão nos olhos ansiosos dos nossos alunos ao entregarem-nos as prendas que os seus pais nos mandam por admiração e gratidão: bolos, pão, massas caseiras e, de vez em quando, uma garrafa de vinho feito com as uvas que crescem nas traseiras das casas das famílias italianas, as mães e os pais dos nossos cento e setenta alunos da McKee Vocational and Technical High School, Distrito de Staten Island, Cidade de Nova Iorque.